

Património Mundial Lusófono - I

A Lista do Património Mundial criada pela UNESCO inclui 962 bens dispersos por mais de 150 Estados: sítios e monumentos (património edificado, cidades ou edifícios), património natural (paisagens) e património misto (que agrega paisagem natural e património construído).

Em novembro de 2012 a Lista do Património Mundial contava com 26 bens de influência portuguesa, distribuídos por 15 países, em 3 continentes (www.unescoportugal.mne.pt)

É ao **Comité do Património Mundial** que compete implementar a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972), mecanismo que regula a identificação, inscrição e gestão destes bens. Este Comité intergovernamental é composto por 15 Estados, eleitos pelos restantes, e está enquadrado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Reúne uma vez por ano para discutir a gestão dos Sítios do Património Mundial, numa sessão realizada em locais que são considerados Património Mundial ou relacionados com elementos classificados. Em 2016 a sessão terá lugar em Istambul (Turquia), no mês de Junho.

A este Comité compete também compilar a Lista do Património Mundial em Perigo. Esta Lista tem por finalidade chamar a atenção internacional sobre as condições, naturais ou criadas pelo homem, que ameaçam as características pelas quais inicialmente se inscreveu o bem na Lista do Património Mundial.

Embora os legados portugueses no mundo correspondam sobretudo a estratégias de ocupação territorial, de exploração de recursos ou de propagação da doutrina cristã, o fato é que não deixam de expressar um sistema de troca de conhecimentos, de culturas e de hábitos que, como temos comprovado, acaba por ser enriquecedor para os povos, quer os autóctones, quer os ocupantes. E a permanência destes bens ao longo do tempo, para além de corresponder a uma obrigação dos Estados em que se localizam, é também demonstrativa do valor que as respetivas comunidades lhes reconhecem, quicá maior do que aquele que os próprios Estados de origem demonstram, como acontece com muito do património lusófono no mundo.

No caso português é de realçar a ação da Fundação Calouste Gulbenkian, evidenciada numa exposição realizada em 2004, na qual apresentou o conjunto das intervenções levadas a cabo pela Fundação (à data 12 concretizadas e 5 em projeto) e que incluíam bibliotecas, palácios, residências, museus, fortalezas e igrejas, um pouco por todo o mundo.

O património lusófono constante na Lista do Património Mundial inclui espaços urbanos (Macau, Galle, 6 núcleos no Brasil); fortificações (Mazagão, Mina, Gondar, Colónia de Sacramento); territórios (Ilha de Moçambique, Goreia); ruínas (Velha Goa, Ayuthia, Missões) e santuários (Congonhas do Campo). Não deixa de ser curioso que o número de monumentos e sítios decorrentes da presença portuguesa no mundo, integrantes nesta Lista, seja superior ao dos que se localizam em território português. (18 para 12)

Para além dos bens patrimoniais lusófonos detentores de atributos que lhes garantiram a integração na Lista da UNESCO, existem outros que

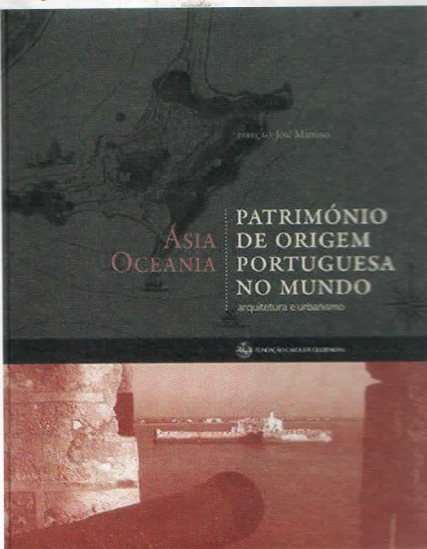
ainda poderão vir a integrá-la. Há contudo um número significativo de bens que não são de origem ou de exclusiva iniciativa portuguesa (recorda-se que outras influências se faziam sentir na época da expansão portuguesa, designadamente espanhola, inglesa, holandesa ou francesa), não deixando de evidenciar, contudo, traços ou testemunhos da nossa cultura e presença. Durante quase seis séculos (desde o início da expansão portuguesa, séc.

XV, até à entrega da administração de Macau à China, séc. XX), a nossa cultura transmitiu e recebeu influências várias, numa interação que se materializou em bens patrimoniais de diferentes tipologias, em África, na Ásia, na América do Sul. Uma parte considerável destes bens (mais de 20, como vimos acima) está integrada na Lista do Património Mundial.

A este propósito, será interessante acompanhar as teses de Walter Rossa, arquiteto e mestre em História de Arte, coautor com José Mattoso de *Património de Origem Portuguesa no Mundo: arquitetura e urbanismo* (vários volu-



Rua na ilha de Goreia (foto de Ana P Lopes – 2010)



mes - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010).

Este estudioso sugere dois conceitos na abordagem das evidências da presença portuguesa no mundo, o de *influência* e o de *origem*. Enquanto o segundo conceito estará associado a uma condição de soberania, o primeiro remete para uma condição de mera participação, de maior ou menor grau, de índole religiosa, comercial ou outra, em contextos não associados a uma efetiva soberania sobre o território, resultando mais como expressão de uma fusão cultural do que de uma predominância ou dominância cultural.

Para aprofundamento sobre o tema Património Mundial Lusófono, sugere-se consulta a:

<http://whc.unesco.org/>

Heritage of Portuguese Influence Portal <http://www.hpip.org/>

<http://www.hpip.org/Default/pt/AcercaDoHPIP/ApresentacaodoPortal>

Texto e Foto de Ana Paula Costa Lopes